

# **Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação**

**Cassia Cordeiro Furtado** (UFMA) - cfurtado@ua.pt

## **Resumo:**

*O artigo explora a relação entre a nova geração e as tecnologias de informação e comunicação e o potencial da biblioteca escolar no trabalho com a literacia digital e informacional dos alunos. A partir das terminologias usadas na literatura científica para descrever as crianças e jovens que nascem e vivem em um ambiente imerso na tecnologia digital, apresenta-se as variáveis que influenciam e condicionam o uso da tecnologia por parte do “nativo digital”. Por fim, aponta-se que a biblioteca escolar, a fim de conquistar mais espaço como unidade de informação na vida da nova geração, deve planejar sistemas de organização e recuperação da informação de forma mais simples e adequada para cognição e usabilidade do seu público alvo, introduzir seu acervo e base documental nos motores de busca, oferecer acesso e oportunizar a leitura literária digital, intervir no aprendizado da organização de objetos digitais e preparar os futuros cidadãos para produção de conteúdos.*

**Palavras-chave:** *Nativos digitais. Biblioteca escolar. Tecnologia. Informação digital.*

**Área temática:** *Bibliotecas Escolares*

## **Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação**

**Resumo:** O artigo explora a relação entre a nova geração e as tecnologias de informação e comunicação e o potencial da biblioteca escolar no trabalho com a literacia digital e informacional dos alunos. A partir das terminologias usadas na literatura científica para descrever as crianças e jovens que nascem e vivem em um ambiente imerso na tecnologia digital, apresenta-se as variáveis que influenciam e condicionam o uso da tecnologia por parte do “nativo digital”. Por fim, aponta-se que a biblioteca escolar, a fim de conquistar mais espaço como unidade de informação na vida da nova geração, deve planejar sistemas de organização e recuperação da informação de forma mais simples e adequada para cognição e usabilidade do seu público alvo, introduzir seu acervo e base documental nos motores de busca, oferecer acesso e oportunizar a leitura literária digital, intervir no aprendizado da organização de objetos digitais e preparar os futuros cidadãos para produção de conteúdos.

**Palavras-chave:** Nativos digitais. Biblioteca escolar. Tecnologia. Informação digital.

**Área Temática:** Biblioteca Escolar

### **1 INTRODUÇÃO**

A literatura científica corrente tem adotado terminologias específicas para caracterizar as pessoas, com base na sua relação com as tecnologias, onde as atenções recaem sobre as novas gerações, a maneira de perceber, o valor atribuído e o uso da tecnologia de informação e comunicação.

Assim, além da tradicional lacuna entre gerações, os autores alertam para o aparecimento de mais aspectos dividindo crianças e jovens dos adultos, como: os modos para acesso à informação, as formas de uso desta, os meios de comunicação e integração social, as estratégias na construção de conhecimento e outras. Este conjunto de novas atitudes, destrezas e hábitos acarreta implicação na aprendizagem formal e em consequência nas instituições educacionais da Educação Básica.

A relação das crianças e jovens com a informação mudou radicalmente com a introdução das tecnologias no ambiente doméstico, as novas gerações, cada vez mais, sentem-se autônomos na busca e nos percursos para acessar a informação. A biblioteca escolar, prestadora de serviços informacionais e

responsável pelo desenvolvimento do usuário da informação, em suportes diversos e plataformas multimodais, precisa ajustar seus serviços e produtos às necessidades e comportamentos informacionais das crianças e jovens. Dessa forma, pode garantir aos seus usuários segurança, qualidade e riqueza no conteúdo das informações oferecendo serviços com mais afinidade com a geração “nativos digitais”.

## **2 NOVAS GERAÇÕES E A TECNOLOGIA**

Os descritores Geração Net (TAPSCOTT, 2010), Nativos Digitais (PRENSKY, 2001a, 2001b), Nascido Digital (PALFREY; GASSER, 2011), Residentes (WHITE; LE CORNU, 2011), Geração Google (ROWLANDS et al 2008) e tantos outros apontam algumas propriedades comuns a geração que nasce e vive em um contexto permeado pela tecnologia. As crianças e jovens de hoje apresentam algumas particularidades que os distinguem das gerações anteriores, como por exemplo: o uso da tecnologia de informação e comunicação em tarefas rotineiras e habituais; conexão permanente com as mídias digitais; leitura nos monitores de maneira intensa; uso multifuncional dos recursos tecnológicos; polivalência na realização de tarefas em simultâneo; interações em rede; comunicação síncrona e aprendizagem experimental e lúdica, o que conjetura competência no emprego das ferramentas e serviços da web.

O mais popular é o trabalho de Prensky (2001a, 2001b) que, tendo por base a Educação nos Estados Unidos, aponta uma ruptura e descontinuidade entre as gerações, de um lado os nativos e de outro os imigrantes digitais, separados por um abismo intransponível, cujo fator divisor é a idade. E ainda que, trata-se de um fato homogêneo, unificando toda a geração.

Nossos alunos de hoje são todos ‘nativos’ da linguagem digital dos computadores, videogames e da Internet. Então, o que isso faz conosco? Aqueles de nós que não nasceram no mundo digital, mas que, em algum momento, mais tarde em nossas vidas, tornaram-se fascinados por e adotaram muitos, ou a maioria, dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparado a eles, os Imigrantes Digitais. A importância da distinção é esta: como Imigrantes Digitais aprendem - como todos os imigrantes, alguns melhores que outros - para se adaptar ao seu ambiente, mas sempre mantêm, até certo ponto, o seu ‘sotaque’, isto é, seu pé no passado (PRENSKY, 2001a, p.1).

Sem dúvida o trabalho de Prensky consagrou o termo “nativos digitais”, como descritor da geração e foi um marco na comunidade científica, desencadeando, a partir de então, inúmeros estudos e pesquisas sobre as novas gerações e sua relação com a tecnologia. Em especial artigos e comunicações em eventos na área das Ciências Sociais, onde é um dos mais citados (CABRA TORRES; MARCIALES VIVAS, 2009).

A teoria de Prensky (2001a, 2001b) tem sofrido duras críticas ao ponto do paradigma nativo digital ser considerado mito por alguns estudiosos. Buchanan e Chapman (2009) alertam para questões ideológicas e interesses que permeiam o sistema escolar, Bayne e Ross (2007) consideram que o mercado e o marketing das indústrias da área tecnológica têm influência nos estudos do autor em questão, já Selwyn (2009) considera ser mais importante entender o contexto e as circunstâncias do não uso da tecnologia por parte dos jovens.

O fato de o estudo ter feito generalizações com base em uma única realidade ficou suscetível a debates, sobretudo por tratar-se de um país com grande avanço social, educacional e tecnológico.

Estudos realizados em regiões similares como Austrália e Reino Unido constataram que persiste heterogeneidade em relação às experiências dos estudantes com a tecnologia, em especial com o uso da web 2.0, ou seja, ainda não existe um padrão de estudante universal (KENNEDY et al, 2008). O resultado do inquérito em universidades britânicas detectou que “muitos dos jovens estudantes estão longe serem o epistemológico global conectado, nascido em rede social, fluente em tecnologia digital, com pouca paciência e aptidão para as formas passiva e linear de aprendizagem” (MARGARYAN; LITTLEJOHN; VOJT, 2011, p.22, tradução nossa). Assim, Kennedy et al (2010) afirmam que mesmo nos países com elevado grau de desenvolvimento ainda não se percebe comportamento analógico dos jovens com a tecnologia.

Pesquisas em contexto diverso, como realizado em universidades na África do Sul, por Brown e Czerniewicz (2008) e na região Iberoamericana, por Bringué e Sádaba (2008), com estudantes da educação básica, configuram conclusões similares. Considera-se que estas pesquisas apresentam apenas uma visão geral do panorama complexo e diversificado que envolve crianças e

jovens e sua relação com a tecnologia e a informação, há de ser levando em conta desigualdades entre e dentro das regiões.

Ainda há muito a fazer no sentido de ter-se a universal geração “nativo digital”, notadamente nas áreas rurais e periféricas dos grandes centros, visto que o avanço tecnológico não ocorre na mesma velocidade em todos os continentes e países. Tem-se como exemplo o próprio continente africano e o Brasil, com fortes disparidades sociais, educacionais e econômicas nos seus ambientes internos, onde depara-se com regiões desprovidas de acesso a qualquer tipo de tecnologia digital, onde até mesmo a saúde e a educação, requisitos básicos para qualidade de vida, parecem não chegar.

Outro aspecto, no trabalho de Prensky (2001a, 2001b), que tem recebido contestações é ter unicamente a idade como fator decisivo para classificar as pessoas em nativos ou imigrantes digitais. Helsper e Eynon (2010, p.515, tradução nossa) chegam a alertar que “a distinção não é útil e pode até ser prejudicial”. Autores como Kennedy et al (2008) e Nasauh et al (2010) argumentam que esta variável merece ser observada como condicionante para estímulo ao uso a tecnologia, notadamente em relação ao uso das tecnologias de redes sociais, cuja incidência é elevada entre os mais jovens. Estudos empíricos têm demonstrado a existência de um conjunto de fatores que exercem forte influência no uso e nas condições de adoção das tecnologias por parte das gerações mais novas, onde a idade é introduzida como uma das variáveis.

Em 2009, Prensky lança novo trabalho, titulado *H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom*, resultado de estudo mais recente sobre a temática. O novo conceito sugerido pelo autor é “sabedoria digital”, que abandona o fator idade e valoriza as potencialidades dos indivíduos para o uso da tecnologia digital, a fim de melhorar sua arquitetura cognitiva (PRENSKY, 2009).

Helsper e Eynon (2010) consideram que a amplitude de uso, a experiência, o gênero e o nível educacional são fatores tão importantes quanto à idade, ou talvez mais importantes, para estabelecer elo dos jovens com a tecnologia. Hosein, Ramanau e Jones (2010) incluem no rol das variáveis a nacionalidade e a instituição educacional que o indivíduo frequenta. Para Bennett, Maton e Kervin (2008) o aspecto social, econômico e cultural, assim

como as influências étnicas e de gênero são decisivos para a utilização das tecnologias.

Em 2011, White e Le Cornuem cunharam os termos “visitantes” e “residentes” objetivando substituição a terminologia de Prensky e afirmam que esta tipologia deve ser entendida como um processo contínuo, onde os jovens são residentes, pois vivem *on-line*, já os visitantes são apenas usuários das ferramentas da web, grupo das pessoas com mais idade (WHITE; LE CORNU, 2011).

Considerando a ausência de uniformidade da literatura científica, até o momento, sobre quais as variáveis que realmente condicionam o uso da tecnologia por parte das crianças e jovens, dá-se atenção particular ao trabalho remoto de Facer e Furlong (2001) que evidencia a influência dos recursos culturais familiares, a profissão e experiência tecnológica dos pais como determinante para a aquisição e a utilização dos computadores por parte das crianças. Subscreeve-se também o estudo de Helsper e Eynon (2010) que afirma ser significativa a participação dos pais como base para o uso da tecnologia pelos filhos.

Dessa forma, reputa-se que o paradigma do nativo digital é influenciado por uma série de fatores, entre eles; a imersão no ambiente tecnológico, o contexto social, educacional, cultural, político e econômico, e até mesmo o contexto geográfico, incluso aqui também o componente geracional e a influência familiar, com forte valimento. A cada nova geração de pessoas ocorre paralelamente uma nova geração de aparatos tecnológicos, num processo contínuo e irreversível, especialmente com fins para o uso doméstico, acarretando o uso cada vez mais precoce das tecnologias por parte das crianças, o que pode vim a determinar novas possibilidades de acesso, uso e interação.

### **3 NOVA GERAÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO DIGITAL; RESPONSABILIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR**

“Ciberadolescência” é o termo usado por Bringué e Sádaba (2008, p.312) para definir a fase em torno dos 12 anos, quando o uso da internet tem a função de lazer e comunicação, de modo especial para estabelecer interação

com os amigos da mesma faixa etária. Por volta de três depois, tem início a fase da “cibermadurez” (BRINGUÉ; SÁDABA, 2008, p. 313) com mudança de valores no consumo da web, com a introdução do uso para fins informacionais e cognitivos.

Algumas pesquisas, a exemplo de Margaryan et al (2011) e Kennedy et al (2010), apontam que ao chegar na universidade os jovens continuam a fazer uso da tecnologia para fins de relação social, lazer e comunicação em dimensões consideráveis, contudo nem sempre apresentam competências para o uso eficiente das tecnologias digitais, notadamente da web 2.0. Margaryan et al (2011) detectaram baixo nível de habilidade e uso das ferramentas para partilha e, principalmente, criação de conteúdo. Comportamento ratificado pela investigação de Rowlands et al (2008, p. 22) que rotula de geração “cut-and-paste”.

A realidade das novas gerações no uso da tecnologia trazem alguns aspectos que merecem atenção e ratificam o encargo da família e das instituições educacionais, notadamente da biblioteca escolar, em trabalhar, desde a mais tenra idade, competências para a literacia digital e informacional e para o uso responsável e cognitivo da internet por crianças e jovens.

Segundo dados da EU Kind Online (2011), a partir de 10 anos a criança tem uso mais acentuado da internet do que os seus pais, também predomina entre eles o conceito de que sabem mais sobre as tecnologias de informação e comunicação do que os entes familiares mais velhos e do que seus professores, e ainda apresentam opinião positiva sobre a Internet e suas próprias competências.

No caso do uso no ambiente familiar, Cardoso, Espanha e Lapa (2009, p. 9) alertam que o acesso é feito geralmente no quarto e chamam a tendência de “cultura do quarto de dormir”, ou seja, as crianças estão usando a web de forma livre e autônoma.

O uso das tecnologias, em destaque a internet, pelas crianças requer aprendizado, orientação e acompanhamento. Através da web a criança penetra no espaço virtual, dotado de oportunidades e perigos, o que lhe confere autonomia e independência, longe dos valores, costumes, conhecimento e experiências da família e dos educadores. “O espaço cibernético tem tipos de

informações contextuais diferentes daquelas do espaço real” (PALFREY et al., 2011, p. 102).

Movido pela curiosidade, tendência para as descobertas e desprovido do medo, as crianças e jovens são os pioneiros e principais desbravadores do potencial da tecnologia emergente, desmontando assim uma estrutura hierárquica vertical, consolidada historicamente, onde os mais velhos detinham o saber, o controle e ensinavam os novos. Essa mudança de paradigma concede aos mais jovens individualidade, considerando que, agora, segundo Tapscott (2010, p. 96) “eles crescem conseguindo o que querem, quando querem e onde querem e fazem com que as coisas [e a informação] se adaptem a suas necessidades e seus desejos pessoais”. Assim sentem-se autossuficientes na gestão do uso e da pesquisa na internet, navegando nos sítios de comunicação, lazer e informação. Entretanto, o assaz não representa competência para selecionar, usar e avaliar as informações e não dispensa orientações e acompanhamento.

Jenkins (2010) assinala que o primeiro passo para a introdução das tecnologias digitais nas escolas deve ser dado com a prática dos educadores, conhecendo e usando as ferramentas, plataformas e processos, pois a prática torna-se importante para percepção de valores e significados. Além do que, o contato via plataformas digitais, com outros professores, de contextos educacionais diversos, pode encorajá-los para a iniciativa, com a permuta de experiências, boas práticas e projetos de êxito, podendo ainda desencadear um trabalho em conjunto e *on-line*.

Considera-se interessante também a troca de experiência com os próprios educandos, no desenvolvimento de projetos em conjunto e trabalho em parceria, isto pode enriquecer o aprendizado de ambas as partes, Tapscott (2010) chama de “aconselhamento reverso”, situação em que os mais jovens colaboram com as pessoas, com mais idade, a compreender e usar a tecnologia.

A interação entre professores e alunos no uso em parceria da web social e a permuta de experiências contribui, ainda, para que os professores conheçam as rotinas e hábitos dos alunos no emprego das tecnologias digitais, o que favorecerá para derrubar o receio com a exposição dos mais novos nas mídias sociais. Por ora, alguns educadores têm conhecimentos limitados sobre a temática, portanto para estes os perigos sobressaem em depreciação dos recursos e benefícios. A propósito, a complexa relação entre oportunidade e riscos não é característica da sociedade digital, mas sim uma característica da



infância e adolescência (LIVINGSTONE, 2008), assim o acompanhamento e interação são estratégias eficientes.

As relações de poder já consagradas, a soberania da informação textual e unidirecional e o conteúdo previamente constituído, ainda são características de determinados sistemas educacionais, aqui inclusa a instituição biblioteca, o que não coaduna com a autonomia, livre-arbítrio, criatividade e informação multimodal proporcionada pelas tecnologias digitais. Por serem os serviços da web 2.0 dirigidos para os jovens e, muitas das vezes, criados pelos próprios, são eles que estão impulsionando o renascimento de novos processos de aquisição de informação e conhecimento e de originais modelos de colaboração.

Pesquisa realizada na Espanha (SÁNCHEZ BURÓN; FERNÁNDEZ MARTÍN, 2010, P. 9), sobre o uso das ferramentas sociais *on-line* por adolescentes de escolas secundárias, revela que 93% dos utilizadores conheceram os serviços através de amigos, nem a escola, tampouco a biblioteca aparecem como fonte de formação e informação.

Apesar do uso concreto e intenso das ferramentas da web por parte das gerações mais novas, inclusive dentro do espaço físico da escola (apesar das proibições!) e das informações trocadas também envolverem temas relacionados ao contexto escolar, esta continua a ignorar e posicionar-se à margem dessa realidade. A escola opta por assumir uma posição mais confortável e segura, do que investir em uma postura de integração e participação nesse novo e ainda incerto contexto.

Levando isto em consideração, a biblioteca escolar, no papel de principal sistema de informação da escola, deve trazer para suas atribuições o preparo com as literacias digitais e informacionais da comunidade, destaque para os alunos. Pois, para além do acesso, o uso das ferramentas sociais demanda aprendizado e competência para leitura de documentos em inúmeros formatos e, especificamente, participação em tomada de decisões, expressão de ideias e produção de informação, onde a biblioteca da escola tem papel imperativo e tempestivo.

Pesquisa sobre uso, percepções e impressões da biblioteca realizada com estudantes adolescentes, nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Canadá, Índia e Singapura (OCLC, 2006), revelou que os entrevistados utilizam

os motores de busca para iniciar suas pesquisas e consideram que os mesmos são perfeitos para seus estilos de vida; apenas 10% concordam que os sites das bibliotecas preenchem suas necessidades de pesquisa; a maioria dos estudantes não usa os recursos eletrônicos que a biblioteca disponibiliza; no ambiente físico da biblioteca preferem o autoatendimento e ainda que “livros” é a marca da biblioteca, predomínio em todas as regiões e faixa etária pesquisada. Como conclusão final o referido relatório sustenta que é preciso rejuvenescer a biblioteca.

Rejuvenescer a instituição ‘biblioteca’ depende das habilidades dos membros da comunidade bibliotecária, para redesenhar os serviços, para que os ricos recursos impressos e digitais se tornem disponíveis, acessíveis e utilizados. Rejuvenescer a marca depende de reconstruir a experiência de usar a biblioteca (OCLC, 2006, p. 6, tradução nossa).

Apesar do tempo decorrido, considera-se que os dados são importantes, pois muitos dos resultados ainda persistem e faz-se ilações que esses resultados são similares em outros contextos, a exemplo da realidade brasileira.

A informação tem como característica atualmente ser abundante, nômade, diversificada, desmaterializada e disponível em qualquer contexto geográfico e cronológico, devido ao avanço tecnológico. Em função disso as pessoas que nasceram neste ambiente deparam-se com o mito da web ser “uma grande biblioteca” e assim consideram sua principal fonte de informação. Rowlands et al (2008, p. 22) rotula de “geração Google”, a geração mais nova que tem como maior distintivo o uso do motor de busca Google para aquisição de informação e conhecimento.

Nesta realidade, a biblioteca perde espaço como unidade de informação. Assim, a fim de ampliar sua visibilidade e sobrevalia, apaziguando esta situação errônea e prejudicial, a biblioteca deve introduzir seu acervo, recursos e base documental nos motores de busca, onde poderão ser recuperados a partir da linguagem natural, tornando-os mais acessíveis para o usuário. Fazendo uso desta estratégia a biblioteca estará ampliando seus serviços e atingindo seus utilizadores potenciais.

Na sociedade contemporânea as tecnologias cessam os limiares de tempo e lugar, assim o usuário tem urgência no acesso e uso da informação.

Acima de tudo, as crianças e jovens que são imediatistas, dessa forma, não contentam-se somente com serviços face a face e no ambiente físico da biblioteca. Seoane Garcia (2009, p. 404, tradução nossa) indica que a biblioteca deve oferecer à comunidade “serviços 24/7; referência virtual, mensagem instantânea [...]; acesso remoto a informação, em qualquer lugar e em qualquer tempo; integração social”. Por assim dizer, a biblioteca escolar deve ter onipresença na vida do seu jovem usuário e oferecer serviços vinte e quatro horas por dia, os sete dias da semana e em qualquer lugar, estabelecendo elo com o mesmo e com atitudes proativas ao oferecer informação e atualização permanente.

Considera-se que, especificamente no caso de bibliotecas escolares, estas devem estar presentes também nos momentos de ócio dos alunos, quando estão fora do contexto escolar, sendo uma opção de lazer, oferecendo acesso e oportunizando a leitura literária, através dos livros digitais infantis e juvenis. Cabe à biblioteca ser a porta de entrada da literatura *on-line* na rotina e nas práticas de leituras da comunidade, apresentando às crianças novas formas de leitura e configurações da literatura. A ponte entre o seu acervo e as bibliotecas digitais é uma estratégia original para dar vigor e visibilidade às bibliotecas escolares, a começar pela literatura.

Entretanto, Lippincott (2005) chama atenção que as bibliotecas têm dificuldade em integrar serviços físicos e virtuais, de forma concreta e eficaz, pois os sites das bibliotecas tendem a refletir a visão da organização da instituição, com sistemas e linguagens complexas e técnicas que são de difícil entendimento para os leigos. Torna-se relevante a biblioteca reavaliar o oferecimento dos seus serviços através de sites na web, no caso das bibliotecas escolares é importante observar o comportamento e as estratégias usadas pelos alunos, enquanto usuário informacional. De modo a planejar sistemas de organização e recuperação da informação de forma mais simples e adequada para a cognição e usabilidade das crianças.

As bibliotecas escolares devem investir mais na formação do usuário, no desenvolvimento de competências para a literacia digital e informacional, uma vez que, de forma geral, as habilidades das gerações mais novas com a tecnologia de informação e comunicação derivam do aprendizado empírico e autônomo, assim sujeito a riscos e deturpações. A biblioteca deve instruir seus

usuários ao melhor uso dos recursos da web, a conhecer e investigar em sites específicos e seguros, a realizar pesquisas nos documentos textuais associados aos documentos digitais, de forma eficaz, eficiente e com responsabilidade sobre as fontes e os direitos de autor.

Outro aspecto que as bibliotecas devem intervir é no aprendizado da organização pessoal digital, ensinando a comunidade escolar a utilizar vocabulário adequado para classificar objetos digitais. Tanto no emprego de *tag* para emitir parecer sobre informações na internet, quanto nas informações arquivadas no seu computador pessoal. Neste aspecto a biblioteca da escola deve orientar as crianças e jovens nas melhores estratégias para etiquetar, organizar e compartilhar informações relevantes, acumuladas em suas pesquisas *on-line*, visando recuperação futura.

E ainda, contribuir com os usuários, nas competências para produção de conteúdos desde os primeiros anos de vida escolar, de modo a que os alunos não fiquem limitados ao consumo de informação disponibilizada pela web e passem a ter uma postura ativa como ator central de suas redes de informação, tanto *off-line* quanto *on-line*. Palfrey e Gasser (2011) consideram que, apesar da qualidade e quantidade de conteúdos produzidos pelos nativos digitais ainda não atingirem níveis de excelência, esta deve ser incentivada, em virtude de que a criação representa uma oportunidade para a aprendizagem, expressão pessoal e autonomia individual e que essa trajetória é relevante por permitir perceber como as crianças devem ser educadas na era digital. Acentua-se que urge trabalhar as competências para produção de conteúdo digitais com crianças, aproveitando a imaginação, criação e habilidades das mesmas com a tecnologia.

As bibliotecas escolares, apesar de “apresentarem relutância em assumir papéis não tradicionais” (CALIXTO; CARRÃO, 2012), devem desalojar-se da zona de conforto no oferecimento de serviços já estabelecidos, geralmente estatísticos e enclausurados no seu espaço físico e institucional, pois assim, estarão mais próximas da cultura participativa de seus utilizadores.

Tendo em vista o potencial das bibliotecas escolares na Sociedade da Informação e Conhecimento, considera-se imperativo que estas tornem-se dinâmicas, tecnologicamente avançadas, onde as ferramentas da web social

estejam integradas em um planejamento estratégico global de serviços e produtos aos utilizadores, aliados aos tradicionais já oferecidos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O fosso entre o jovem e o adulto relacionado às habilidades, interação e uso das tecnologias e informações digitais tende a estreitar-se, pois o panorama está a mudar devido à difusão vertiginosa e o acesso facilitado da tecnologia, ocasionando ao indivíduo com mais idade (aqui incluso alguns pais e educadores) incentivo, adaptação e confiança para incorporá-la na sua vivência e no seu labor.

A vivência entre crianças, jovens e adultos, no contexto educacional, conduz para o ensino e aprendizado em conjunto, oferece a oportunidade para descobrir, estimular e desenvolver as melhores qualidades e potencialidades de cada geração, além do que, é também ocasião para a quebra de rótulos e um grande exercício para aceitação da diversidade geracional na Educação e na sociedade.

Ao retomar a história das bibliotecas, percebe-se a existência de um ambiente permeado por regras, normas e imposições, o que dificulta incorporar os hábitos e a experiência da sociedade, em especial das novas gerações. Dessa forma, o acesso livre à informação é direito de todo cidadão e dever de toda biblioteca, notadamente com relação à informação digital.

O aproveitamento do repertório informacional vasto e quantitativo que as crianças e jovens possuem quando ingressam no ambiente escolar, adquirido, especialmente, através da mídia e das plataformas digitais e sua conciliação com a educação formal, constitui-se um desafio e uma necessidade para as bibliotecas escolares, nos dias de hoje.

Finalmente, preparar crianças e jovens para o acesso e o uso responsável dos recursos informacionais disponibilizados pelas tecnologias de informação e comunicação é de responsabilidade da biblioteca escolar. O trabalho da biblioteca com a informação digital vai ter como resultado que o aluno sintá-se seguro na própria rede web, por este motivo deve ser trabalhado desde as primeiras aprendizagens do ensino básico, visando construir cidadãos usuários da informação no século XXI.

## REFERÊNCIAS

- BAYNE, S.; ROSS, J. The 'digital native' and 'digital immigrant': a dangerous opposition. In: Conference of the Society for Research into Higher Education, Sussex, 2007. **Anais...** Sussex, 2007. Disponível em: <[http://www.malts.ed.ac.uk/staff/sian/natives\\_final.pdf](http://www.malts.ed.ac.uk/staff/sian/natives_final.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2009.
- BENNETT, S.; MATON, K.; KERVIN, L. The 'digital natives' debate: A critical review of the evidence. **British journal of educational technology**, Londres, v. 39, n.5, p.775-786, 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8535.2007.00793.x/full>> . Acesso em: 6 abr. 2010.
- BRINGUÉ, X., SÁDABA, C. **La generación interactiva en Iberoamérica: niños y adolescentes ante las pantallas**. Espanha: Generaciones Interactivas, 2008. Disponível em: <http://www.generacionesinteractivas.org/upload/libros/Generaciones-Interactivas-en-Iberoamerica-Ninos-y-adolescentes-ante-las-pantallas.pdf> . Acesso em: 10 maio 2010.
- BROWN, C.; CZERNIEWICZ, L. Trends in student use of ICTs in higher education in South Africa. In: Annual Conference of WWW Applications, 10, Africa do Sul. **Anais...**2008. Disponível em: <http://www.zaw3.co.za/index.php/ZA-WWW/index/schedConfs/archive>>. Acesso em: 25 set. 2010.
- BUCHANAN, R.; CHAPMAN, A. **Dialogue and Difference: The Sorry Story of the Digital Native**. 2009. Disponível em: <[http://newcastle-au.academia.edu/RachelBuchanan/Papers/148993/Dialogue\\_and\\_Difference\\_The\\_Sorry\\_Story\\_of\\_the\\_Digital\\_Native](http://newcastle-au.academia.edu/RachelBuchanan/Papers/148993/Dialogue_and_Difference_The_Sorry_Story_of_the_Digital_Native)>. Acesso em: 16 set. 2011.
- CABAR TORRES, F.; MARCIALES VIVAS, G. Mitos, realidades y preguntas de investigación sobre los 'nativos digitales': una revisión. **Universitas Psychologica**, v.8, p.323-338, 2009 Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewArticle/476>>. Acesso em: 19 ago. 2011.
- CALIXTO, J. A.; CARRÃO, M. L. As tecnologias de informação e comunicação na promoção da leitura em bibliotecas escolares: uma revisão preliminar da literatura. In: Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa, 2012. **Anais...**Lisboa, BAD, 2012. Disponível em:<<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/348>>. Acesso em: 13 set. 2012.
- CARDOSO, G.; ESPANHA, R.; LAPA, T. **Do quarto de dormir para o mundo; jovens e media em Portugal**. Lisboa, Ancora, 2009.
- EUKids Online. Risks and safety on the internet; the perspective of European children. 2011. Disponível em: [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net)>. Acesso em: 1 abr. 2012.

FACER, K.; FURLONG, R. Beyond the myth of the 'cyberkid': Young people at the margins of the information revolution. **Journal of youth studies**, v.4, n.4, p. 451-469, 2001. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13676260120101905>>. Acesso em: 29 out. 2009.

HELSPER, E. J.; EYNON, R. Digital natives: where is the evidence? **British Educational Research Journal**, v. 36, n.3, p. 503-520, 2010. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01411920902989227>>. Acesso em: 4 jun. 2011

HOSEIN, A.; RAMANAU, R.; JONES, C. Are all net generation students the same? The frequency of technology use at university. In: IADIS E-Learning Conference, Freiberg, 2010. **Anais...** Freiberg, 2010. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/id/eprint/24114>>. Acesso em: 4 out. 2011.

JENKINS, H. DIY Media: A contextual background and some contemporary themes. **DIY media: Creating, sharing, and learning with new technologies**, p. 231-252, 2010. Disponível em: <[http://everydayliteracies.net/files/DIY\\_Media\\_ms.pdf#page=7](http://everydayliteracies.net/files/DIY_Media_ms.pdf#page=7)>. Acesso em: 4 set. 2011.

KENNEDY, G. et al. First year students' experiences with technology: Are they really digital natives. **Australasian Journal of Educational Technology**, Wagga, v.24, n.1, p.108-122, 2008.

\_\_\_\_\_. Beyond natives and immigrants: exploring types of net generation students. **Journal of Computer Assisted Learning**, Malden, v. 26, n.5, p. 332-343, 2010.

LIVINGSTONE, S. Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. **New media & society**, Chicago, v.10, n.3, p. 393-411, 2008.

MARGARYAN, A.; LITTLEJOHN, A.; VOJT, G. Are digital natives a myth or reality? University students' use of digital technologies. **Computers & Education**, Annapolis, v. 56, n.2, p. 429-440, 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/03601315>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

NASAH, A. et al. The digital literacy debate: an investigation of digital propensity and information and communication technology. **Educational Technology Research and Development**, Atenas, v. 58, n.5, p. 531-555, 2010. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/h108746p36443172/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

OCLC. **College student's perceptions of libraries and information resources: a report to the oclc membership**. Dublin: Computer Library Center Online, 2006.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital; entendendo a primeira geração dos nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants Part 1. **On the horizon**, Bradford, v.9, n.5, p. 1-6, 2001.

\_\_\_\_\_. Digital natives, digital immigrants Part 2: Do they really think differently? **On the horizon**, Bradford, v. 9, n6, p.1-6, 2001.

\_\_\_\_\_. H. sapiens digital: From digital immigrants and digital natives to digital wisdom. **Journal of Online Education**, Pensilvânia, v.5, n.3, p. 1-9, 2009.

ROWLANDS, I. et al. The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, Bradford, v.60, p. 290-310, 2008. Disponível em: <  
<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1733495>>. Acesso em: 4 maio 2011.

SÁNCHEZ BURÓN, A. ; FERNÁNDEZ MARTÍN, M. P. **Informe generación 2.0: hábitos de los adolescentes en el uso de las redes sociales, estudio comparativo entre Comunidades Autónomas**. Madrid: Universidad Camilo José Cela, 2010. Disponível em: <  
<http://www.escacc.cat/docroot/escacc/includes/elements/fitxers/1111/generacin2-0.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

SELWYN, N. (2009). The digital native—myth and reality. *Aslib Proceedings*, v.61,p. 364-379, 2009 Disponível em:  
<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1800799&show=abstract>  
>. Acesso em: 2 fev. 2010.

TAPSCOTT, D. **A Hora da Geração Digital**. Rio de Janeiro: AGIR, 2010.

WHITE, D. S.; LE CORNU, A. (2011). Visitors and Residents: A new typology for online engagement. **First Monday**, Chicago, v.16, n. 9, 2011.